

“Boa fé” de US\$ 400 milhões

por Paulo Sotero
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

Bresser explicara que o governo brasileiro deseja fazer primeiro um acordo com os bancos, que lhe permita levantar a moratória parcial decretada em fevereiro passado, e só depois entrar em entendimentos com o FMI, com vistas a um acordo, caso os objetivos, as políticas e as metas estabelecidos pelo plano de consistência macroeconômica anunciado há três semanas pelo governo sejam aceitáveis para a instituição.

Segundo a fonte, Paul Volcker, o presidente em fim de mandato do Federal Reserve, o banco central dos EUA, que sempre teve posições mais flexíveis do que as do Tesouro, mostrara-se agradavelmente surpreso ao ouvir de Bresser que Baker não se oporia a um esquema de negociação em que o acordo com os bancos seria desvinculado do acordo com o Fundo. O pombo-correio mandado por Washington — um alto funcionário do Federal Reserve que já cumpriu inúmeras missões semelhantes em vários países endividados, nos últimos anos — enfatizou, contudo, a importância da manutenção do vínculo entre a negociação da dívida oficial e da dívida aos credores privados, insistindo em que, mesmo que a negociação com os bancos decolasse antes, o Brasil precisaria dar garantias de que “irá mesmo ao Fundo”.

Entre assessores do ministro da Fazenda mais diretamente ligados à formulação da proposta brasileira de negociação, a mensagem reforçou a impressão de que “o imobilismo de Washington” poderá inviabilizar as já modestas chances de sucesso de um acordo que permita ao Brasil levantar a moratória parcial em vigor. Em sua conversa com Baker, Bresser já ouvira que os EUA não se empenharão em aumentar os recursos dos organismos financeiros multilaterais, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Além disso, o secretário do Tesouro disse a Bresser que embora não estejam dispostos em se transformar em obstáculo os EUA não apadrinharão nenhuma iniciativa de terceiros com vistas a um acordo entre o Brasil e seus credores oficiais, no Clube de Paris, como fizeram em janeiro último, pois, segundo disse, ficaram em péssima situação, perante eles, com a decretação, pelo Brasil, no mês seguinte, da moratória da dívida aos bancos privados.

A mensagem trazida pelo pombo-correio de Washington veio complicar ainda mais esse cenário. “Do lado de lá, o Bresser ouviu isso. Chega aqui, o PMDB não facilita o entendimento com o FMI. Por isso, estou menos otimista hoje do que estava depois das conversas nos Estados Unidos”, afirmou a fonte.